

A tese de Victor Guerra*

CELSO GUTFREIND**

O psicanalista é um profissional arcaico
O vasto inconsciente de que depende
Para um naco de consciência
É pré-histórico
E as histórias
Que o analista
Ouve junto
De quem conta
Raramente são escritas
E tudo isto é moderno.

É o que há de mais moderno.

Homem de palavra oral
O psicanalista é da horda
Primitiva
Aedo bardo cantor
Peludo e faminto
Da fome mais pura
De saber e não sabe

A teoria é um verniz
Que nem se cria
O analista só acerta
Quando cria e murmura,
Às vezes
Com a cria
Que analisa
Faz um desenho
Que alivia a caverna

* Trabalho apresentado na XXXIX Jornada anual do CEAPIA, na mesa "Interloquções entre os Pensamentos de Victor Guerra e Alberto Konicheckis", agosto 2018.

** Psicanalista pela Sociedade Brasileira de Psicanálise e escritor.

E a sede não saciada
De vir-a-saber

Mais do que arcaico
E moderno,
Parece eterno
E, enquanto analisa,
É mesmo

Victor Guerra era obcecado pelos ritmos e pelos começos. Era da turma de uma Esther Bick, um Bernard Golse, um Alberto Konicheckis na obsessão de encontrar o ponto zero. O começo há de ser ritmo à cata de linguagem - desconfiam. Tivessem perguntado a Konicheckis, ele mostraria a estrutura de uma cantiga de ninar como mostrou junto a outros uruguaios ritmados como Altman. O ritmo nos precede. O ritmo nos constitui. E nos sucede. Viemos dele, mais do que do barro como naquela ficção das origens e para ele retornaremos, seguindo a ficção (de origem) de Victor Guerra.

Para Victor, o ritmo nos organiza, nos reorganiza da inevitável desorganização da vida psíquica, nos introduz na subjetividade, no que e no quem somos. Dedicou uma vida para pensar e sentir o tema. Felizes nós que fomos banhados pelo seu ritmo. Aprendemos com ele e não há outra forma de aprender que não seja ritmada. A melodia é a maior professora, senão a única. Lembro-me de um professor na faculdade de medicina. Ele sabia muito, mas a sua voz era monócórdica, arritmica e não aprendíamos com ele. Acho que isso explica também eu ter sido homenageado, certa vez, como professor de saúde coletiva, com conhecimentos tão fracos de saúde coletiva. O ritmo me salvou. O ritmo nos salva sempre.

Ainda bem que não perguntaram ao Alberto, assim diretamente, sobre o ponto zero. A resposta é mesmo a inimiga da pergunta. Victor Guerra não encontrou uma resposta – uma vida não basta para isso -, mas fez descobertas colossais. Colossais, quando a teoria é dosada o suficiente para nos dar sentidos que só ela daria, mas com o cuidado de evitar os efeitos colaterais de seu excesso que trancariam os afetos e nos tirariam esta segunda chance que é uma análise. Uma segunda chance de melodia. Victor nunca separou arte e ciência. Freud foi o seu maior álibi neste crime do bem. São grandes dosadores e equilibristas. Lembra o nosso poeta Mario Quintana, dizendo que uma parte fundamental de sua formação poética foi ter sido farmacêutico e não poder errar nas doses. Érico Veríssimo, também.

Victor Guerra, Alberto Konicheckis são dessa turma que sabe dosar. É com arte e com afeto que nos alimentam com seu saber sentido e Victor nos deu de escutar conceitos como a lei da mãe a partir de Roussillon, bem antes da lei lacanianiana do pai. Os seus conceitos são firmes, dosados, medicamentos e não venenos (e como é pequena a diferença entre o veneno e o medicamento

e lembro-me aqui do objeto tutor à serviço da narratividade), e nenhum desses conceitos foi maior do que a arte que colheram pelo caminho. Dormem, no fundo das ideias originais de Victor, poetas uruguaios como Circe Maia e brasileiros como Ferreira Gullar e Manoel de Barros. Ele os cavoucava nos sebos de Montevideo, de Paris, de Porto Alegre. Esses poetas e os pintores e os artistas o sustentam. E nos embalam. Vi o Victor seguido fazer cara feia para algum construto. Fazia parte da sua luta visitar e não imitar o Freud. Nunca o vi fazer cara feia para algum poeta.

O espólio da Biblioteca de Victor é enorme. Tenho a emoção e a honra de ter herdado parte ínfima dela – ela foi repartida como seu dono repartia o seu saber - e há uma profusão de livros de todas as artes. Há mais livros de arte do que de psicanálise como na Biblioteca de seu álibi, Freud. Victor Guerra foi contaminado por ele (e por Jacques Lacan e por Wilfred Bion) pela verdade absoluta de que não há psicanálise sem arte; logo, foi mais influenciado pelos artistas do que pelos psicanalistas. Respeitava e conhecia as fontes teóricas, mas se entusiasmava muito mais com as obras de arte. Para ele – e as suas fontes -, não havia psicanálise sem arte nem na metapsicologia nem na técnica nem na cura entre aspas. A arte põe as aspas. Sem aspas, somos lineares, delirantes, neuróticos demais. Onipotentes. Aspas e arte nos concedem nuances imprescindíveis. Victor Guerra juntou com humildade arte e ciência, criando construtos ou nomes verossímeis (ciência) para o que intuitivamente sabemos: o vínculo é decisivo, constrói-se no começo (arcaico) e é banhado pelo afeto e pela arte. O conflito estético próximo do marco zero, segundo Meltzer.

Quando eu estava triste, eu costumava conversar com Victor. Ele entendia de ritmo e de começos o suficiente para acalmar como uma mãe. Mais até do que uma mãe, mães têm muito de mito, a verdade é que mães e pais, na tarefa impossível da parentalidade, exageram, escasseiam, desregulam, tudo isso que depois analisamos e Victor, na transferência fraternal parental, trazia a realidade em doses adequadas. E, como poeta, eu ficava triste com frequência, nem que como uma desculpa para conversar com outro poeta. Tristeza dramática, de arte mais do que psicanálise, de arte a caminho da psicanálise.

Mas houve um momento em que a minha tristeza foi maior. Eu estava numa pindaíba de alma, dessas que todos passam, mas poucos revelam, às vezes nem para o analista e, muito menos, em uma mesa redonda em companhia de um autor francês. Francês, mas latino de origem. Victor Guerra acolhia esta loucura e o que é um amigo senão alguém que valoriza o legado de Bion, de que não só temos o direito de estar loucos: somos loucos e temos aqui parte importante do nosso espólio.

Victor Guerra estava ali presente, herdeiro maior do saber “estar com” de Daniel Stern. Primeiro, ele fez como naquele poema de Paulo Leminski que dizia mais ou menos assim: Chamei um amigo para ficar a sós comigo/não dissemos nada/ ficamos assim a esmo/ e tudo ficou por isso mesmo.

Victor sabia não dizer nada. Ou seja, escutar. Ou seja, escutar os ritmos. Os primórdios. O começo. O arcaico. Tudo isso é muito difícil, lento, sôfrego, é preciso escutar-se e escutar-se é escutar a própria loucura, nem sempre nos lembramos da permissão bioniana e sempre é muito difícil. Victor Guerra sabia que dependemos da narratividade, que a narratividade depende da poesia e não há recurso maior do que elas, mas elas dependem do silêncio que as precede. Com os ritmos. Victor não se deixou enganar pela ilusão da teoria sem encontro. Da teoria sem arte. Sempre foi um artista como tentamos ser na arte do nosso trabalho.

Leminski, os poetas, as mães e alguns psicanalistas e terapeutas como Victor e Alberto entendem o suficiente de ritmos e começos. Mas a minha pindaíba da alma era tanta que Victor disse que o meu caso era mesmo muito sério e... precisaria escrever um poema para mim. Para Victor, a “cura” entre aspas era chegar ao poema. Para Freud, também: o que a casa terapêutica analítica oferece de mais profundo é poder representar. E, modéstia à parte, é mais profunda do que outras casas do ramo, porque ousa representar. E Victor fez este poema que eu mesmo traduzi:

Irmão Leão

“Resistirei contra el mundo como bestia perseguida.”

Vladimir Maiakovski – tradução de Irina Bobdashevski

O leão em silêncio lambe as suas feridas
feitas de esperanças
ou de palavras perdidas.

O leão, meu irmão Celso,
em silêncio,
lambe as feridas
mutantes que lhe marcam a vida.

Cada dívida dolorosa
deixa uma marca
que parece incessante,
hoje, às seis da manhã,
chamado pela tormenta,
que já não sei se de dentro
ou de fora,
saiu este poema para recuperar
minhas memórias perdidas,
sei que ao lamber suas feridas,
meu irmão leão Celso tecia
o mel de sua alma

por onde passavam sonhos, ilusões, a vida
e que, às vezes, ao lamber as feridas como o látego
incessante, as perguntas sem resposta
só golpeavam e golpeavam
e o leão insano já não sabia
se lambia ou se mordia

Por um tempo,
ao lado da espera,
fazia o seu trabalho.

Hoje, o leão, meu irmão Celso,
respira a vida apesar das dores passadas
e sei que, ao falar do meu irmão leão Celso,
também falo de mim mesmo,
todos em silêncio
lambemos as feridas
e, sem atravessá-las,
a vida não seria vida.

Lamber feridas, atravessá-las, golpear no sentido contrário da compulsão à repetição. Estava em Além do princípio do prazer desde a década de vinte do século passado: a morte é uma batida mortífera quase incessante, um trabalho hercúleo. Está no texto Repetir, recordar, elaborar. Não é só morte, não é só silêncio, não é só nada. A morte também é ritmo, mesmo e, sobretudo, sem ter encontrado a palavra. Uma arritmia, talvez. Victor Guerra acreditava nas marteladas contrárias à morte, essas que se dão no começo com a lei materna e os objetos tutores e podem ser recuperadas a qualquer momento, basta um encontro banhado de empatia. Basta dispor-se a martelar, soando. Basta narrar. E, então, como dizia Emile Ajar, pseudônimo de Romain Gary, teremos toda a vida pela frente.

E, por isso, é preciso golpear pelo outro lado. Alberto Konicheckis havia mostrado com as cantigas de ninar. Ele estava comigo e o Victor em Montevideo na noite em que esse poema foi escrito.

Mas as cantigas de ninar repetem, repetem e criam, talvez, uma barricada contra o que a morte também repetirá ao longo desta vida. Elas compõem o fundo de memória do adolescente a que se referia Piera Aulagnier diretamente e Freud, poeticamente, com o seu ponto de vista sobre a efemeridade. Para Freud, ela, a efemeridade, é a responsável pela beleza da vida. Alberto fala em identidade sensorial, tenho pensado em identidade sonora.

Há lacunas, mesmo na arte, como escreveu Saul Bellow. O trabalho de Victor é exímio também por isso: ele aprofunda a importância das reservas de ritmo (de vida) necessárias ao tirão de existência, especialmente em suas partes mais descompassadas, logo, desamparadas.

Vida e morte, ambas repetem, cada uma do seu jeito, cada uma a seu lado e, para complicar, podem estar no mesmo lado. Ambas sabem se renovar, mas, para isto, é preciso observar o início que precisa ser ritmado nem que mínimo para ser garimpado e resgatado mais tarde como fazemos todos os dias em nossos tratamentos, sabendo ou não sabendo que o estamos fazendo.

Há na empatia (metaforizante para Lebovici e para Victor) uma insistência (gratuita para Winnicott), um espaço (lúdico para Pavlovski) que, já no começo, promovem a integração entre a forma e o conteúdo: o desenho. São barricadas contra a dissociação mortífera e a sua persistência em sentido contrário que virá como uma escrita.

Da luta entre o mortífero e o desenho, entre o mortífero e a escrita, do emba-te entre a vida e a morte somos feitos. Perdemos sempre, como disse Mario de Andrade, mas, às vezes, ganhamos, como disse Freud e esses instantes ínfimos e passageiros de vitória (Freud ainda, sobre o transitório) justificam esteticamente as nossas vidas.

Ao fim e ao cabo, fica a melodia que nos inaugurou desde antes do primeiro dia. Em casos como o de Victor Guerra, nem a morte é capaz de silenciá-las. Pelo contrário, ecoa em poemas envolto a conceitos ficcionais verossímeis que reconhecem a primazia do poético e sua permanência e hoje posso responder poeticamente como um irmão leão ao seu poema.

A prosa de Victor lançou pistas suficientes para acreditarmos que estar junto (Stern) é fundamental para o começo da subjetividade. Mais do que responder com conteúdos, Victor e Alberto, com este trabalho que continuam fazendo, fizeram forma ou arte disso. Não desistiram do ideal, como preconizava Hegel, cachorro grande da estética. Victor e Alberto, em suas medidas possíveis, são também cachorros grandes, porque sabem estar com gente, porque sabem estar com a gente, essa cachorrada que teve a sorte de conviver com eles (minha cachorra e Victor e o interativo de Alberto). E eu os homenageio com a minha arte através deste poema que, sem encontrá-los, não faria:

Excessos

“Sobre o lado ímpar da memória
o anjo da guarda esqueceu
perguntas que não se respondem. ”
João Cabral de Melo Neto/Infância

Olhar diminui o excesso
tocar diminui o excesso
cantar sem nem dançar
termina o excesso o excesso

é uma pergunta ao abandono
acompanhar é a justa medida
nada sobra, a falta vestida
beber comer dormir amar
a sobra da obra possível
só para contar contigo
entre o calor de agora e
o frio do novo segundo

Estar junto é a única
resposta que há no mundo.

Celso Gutfreind